

Maria José Silveira

Céu Branco



Rio de Janeiro, 2024

Sumário

Capítulo 01	9
Capítulo 02	13
Capítulo 03	17
Capítulo 04	23
Capítulo 05	31
Capítulo 06	37
Capítulo 07	43
Capítulo 08	51
Capítulo 09	53
Capítulo 10	55
Capítulo 11	61
Capítulo 12	63
Capítulo 13	69
Capítulo 14	77
Capítulo 15	87
Capítulo 16	93

Capítulo 17	103
Capítulo 18	111
Capítulo 19	121
Capítulo 20	127
Capítulo 21	131
Capítulo 22	137
Capítulo 23	149
Capítulo 24	159
Capítulo 25	163
Capítulo 26	169
Capítulo 27	171
Capítulo 28	179
Capítulo 29	191
Capítulo 30	195
Capítulo 31	203
Capítulo 32	207
Capítulo 33	211
Capítulo 34	213
Capítulo 35	215
Capítulo 36	221

01

“F oram como os três cavaleiros. Três, Julia, percebi agora. Nem que meu nome fosse Terezinha, e não Lilian. Pode rir, estou rindo também. É que os três apareceram próximos um do outro, por isso digo que foram três. A coincidência.

O primeiro foi aquele que te contei logo. O da academia. O jovem musculoso que resolveu se exhibir para mim, desses morenões que só têm músculos, olhos felinos, e se acham o sal da terra. Ficou insuportável, e aproveitei para mudar para pilates, que há tempos eu andava planejando. Sei que agora você está dando sua risada: moreno de olhos felinos! São os quarenta anos, querida. Não há idade melhor para uma mulher. Li em algum lugar. É nosso auge, aproveite!

O segundo foi na quadra atrás daquele restaurante onde gostamos de ir, aquele ao lado da quadra com árvores de copas generosas. Quando vi o pneu arriado, fiquei surpresa, e antes que pudesse ver no porta-luvas o telefone do seguro, um rapaz se

aproxima e se oferece para trocar o pneu. ‘Não é preciso, obrigada’, respondo, ‘já vou chamar o pessoal do seguro’. Ele insiste, ‘Em um minutinho resolvo isso’. E de fato resolve, gentil, educadíssimo, o tempo todo erguendo olhos e sorriso. Bonito, bem vestido — reparei porque pensei se não seria o caso de oferecer uma gorjeta, mas depois de acomodar pneu e macaco no portamalas, ele me pergunta se pode me oferecer um café. ‘Ah!, muitíssimo obrigada por tudo’, foi minha vez de sorrir, agradecida, ‘mas acabo de tomar um cafezinho’. E ele, então, acredita?, me pediu o telefone. Meu telefone, Julia! ‘Eu gostaria de te ver outra vez.’ E eu, pensando no que você disse sobre os quarenta anos da mulher, soltei minha risada, ‘Menino, eu poderia ser sua mãe!’ E mesmo assim ele insiste e, num estalo, me dei conta de que já tinha visto esse cara antes. Perguntei, atônita: ‘Foi você quem esvaziou o pneu do meu carro?’ E ele, bobo, bobo, alto, loiro, esplendorosos olhos negros, confessa, ‘Foi, sim, eu te vi e te gosto, entende? Queria falar com você’. E eu juro que não sei se fiquei furiosa apenas com o português que me fez arrepiar ou com o absoluto mau gosto de tudo aquilo. Entrei no carro, bati a porta e, dessa vez, nem disse tchau. E daqui escuto sua risada, Juju.

E o terceiro, esse eu não conto agora. Só quando você voltar, só pessoalmente, só para ver seu assombro, que nem de longe será como o meu, que estou assombrada até agora, e ficarei para sempre. Às vezes tenho a impressão de que fiquei louca, Julia.”

Esses eram os alegres parágrafos da carta que Julia lia e lia em seu voo para Brasília, para o velório de Lilian.

Mal tendo consciência dos passos que a levam do aeroporto direto para o cemitério, Julia chega ao velório. Contava ver seu rosto, abraçá-la, sentir o frio do seu corpo e talvez assim finalmente acreditar que a notícia levada pelo telefone à tarde, no seu quarto de hotel, tinha realmente acontecido.

Mas não havia corpo a ser visto no caixão fechado na sala fúnebre de neutralidade exagerada imposta para cercar a dor dos outros. Um Ernesto de pálpebras inchadas, olhos vazios e em pé postava-se ao lado do lustroso caixão de madeira escura. O estado do corpo determinara a descida da tampa do caixão.

A queda do oitavo andar direto em pedras empilhadas para uma reforma deixou seu corpo como um pedaço de carne esmagado, ossos quebrados. Sangue escorrera pelos orifícios naturais e pelos criados pela violência da queda. O crânio pressionado deixara sua cabeça e seu rosto brutalmente deformados, o olho direito pendendo da órbita para um lado, o preto do cabelo espalhado, cobrindo-o em parte. Fragmentos de ossos dos quadris e da clavícula haviam rompido a pele e se projetavam horrendamente para fora.

Ernesto fora o único a vê-la ainda no asfalto, uma das pernas para fora das pedras. A imagem do que vira o perturbava de

tal maneira que seus joelhos se dobraram sobre ela, apagando o real e o tempo. Não sabe como saiu dali, para onde foi, como foi. O que recorda é já o dia seguinte, o dia do velório, quando agradece a compaixão de quem ordenara que fechassem o caixão. Não deixaram que a morte terrível levasse também a dignidade de sua mulher, e ele só podia agradecer por isso.

No enterro silencioso, rápido demais, a descrença de todos era presença pesada e paralisante. O pai de Lillian, o velho Tarquínio, familiares e amigos, e o grande, absurdo, inesperado e violento vazio.

Existe a morte quando a vida simplesmente abandona um corpo. Ao ir com ela, em seu lugar, a pessoa deixa o espaço oco. Quando a morte é violenta, não. Atrás de si, a pessoa deixa também um rastro.

02

No voo que a leva de Manaus para Brasília a tempo de acompanhar o caixão de Lilian, Julia, olhos vermelhos de onde lágrimas escorrem tal chuva forte, o que ela vê pela janela do avião não é o céu dali, e sim a cor que presume exata do luminoso céu azul da cidade onde ela e Lilian nasceram, cercada pela mata verde-escura da serra, e o vermelho desbotado da terra seca soltando copiosa poeira fina a celebrar o movimento das ruas. As casas de pé-direito duplo, velhas e sonolentas, apesar das portas e janelas abertas, cheiro dos bichos soltos e das árvores nos quintais: na época em que as duas nasceram primas, no mesmo ano, no mesmo dia e na mesma hora, era uma cidade com o encanto calmo da aparente ordem natural das coisas. Uma cidade antiga e sem luxos. Decoração de casa, objetos bonitos dispostos com esmero, móveis trabalhados, cores não faziam parte do dia a dia daquelas famílias para quem a terra, o gado, o poder político eram tudo que contava. A riqueza da terra a perder de vista, a mesa farta, uma boa rede: o que mais seria preciso? Nas salas, as cristaleiras e um ou outro

cadeirão eram as poucas peças que tinham alguma beleza. Nas paredes, se enfeite houvesse, eram gravuras em molduras finas de madeira, ou imagens de santos, Jesus, Nossa Senhora com sofridos corações à mostra como frutas vermelhas e brilhosas. Nos quartos das mães, as penteadeiras e oratórios tinham uma beleza singela, contida. Nos quartos dos filhos, camas e cômodas sem adorno, pouco armário para as poucas roupas. Na parede, algum pequeno espelho sem graça pendurado ao lado da folhinha do Sagrado Coração de Jesus.

As casas dos grandes fazendeiros goianos, mais do que simples, eram quase feias em sua solidez e conforto. Nenhum acessório, nenhuma concessão à delicadeza. Era a estética do “não precisamos do supérfluo”. Terra, terra, terra e gado, gado e terra: nesse mundo de horizontes intermináveis, não havia lugar para detalhes, para a riqueza pequena de um lustre de cristal, a beleza de um móvel delicado. Não havia interesse pela sofisticação, pelo cultivo de coisas que de nada serviriam à terra, pela gratuidade da cor e da beleza.

O que importava estava na terra. Terra vermelha, a extensão da terra, terra acastanhada, embranquecida, preta, terra seca, terra esturricada, terra úmida, o cheiro da terra, o gosto doce ou áspero da terra, o som enraivecido ou sossegado da terra, seus bosques e suas árvores retorcidas, e nela o gado, gado branco, preto, castanho, malhado, qualquer raça de gado, a bosta do gado, o esterco do gado, seu cheiro de suor e terra, seu mugido, o capim do gado, o capim ruminado do gado, a baba branquicenta escorrendo da boca sempiternamente molhada desde

dentro, e o cheiro do leite saindo quente das tetas rosadas, na primeira entreluz da manhã.

Hoje tudo isso está mudado, o contágio do progresso há muito chegou também às ruas e casas da cidade e às fazendas, de pinturas novas, ostentando móveis que, em um passe de mágica, viram-se transformados em peças valorizadas, *fashion*.

Mas era assim, ainda era assim naquele momento. Tinha sido assim. Tinha sido esse o chão das duas.

Julia e Lilian nasceram ali antes da data programada, enquanto as mães — duas irmãs entre oito irmãos — estavam na cidade de férias, sem os maridos. Devem ter comido alguma coisa, tomado algum chá contraindicado, porque é coincidência demais nascerem as duas antes da hora e justo aqui, dizia a vó, ou foi mesmo Nossa Senhora do Bom Parto querendo que assim fosse. A casa já adormecida encheu-se de ruídos com os dois partos não esperados, muitos gemidos, passos abafados. As brasas do fogão a lenha sopradas às pressas para ferver a água de dois caldeirões, e a vó colocando as duas mães no mesmo quarto para dar conta dos partos simultâneos, contando apenas com a ajuda da velha empregada, boa cozinheira, arrumadeira e, louvado seja Deus!, também experiente em nascimentos.

03

“Lilian Daes nasceu no ano da graça de 1946, e foi chamada ao pai, ainda tão jovem, neste ano do Senhor de 1999.”

O padre idoso e curvado que celebrava a missa no enterro disse isso no começo e no final, sotaque carregado de estrangeiro e sem razão aparente para repetir a frase. A não ser talvez a perturbação do calor da sala pequena e lotada e a movimentação dos fotógrafos, dada a importância do assassino preso em fragrante. Julia não conhecia nenhum deles, só o do seu jornal, que felizmente não se aproximou. Talvez tenha ficado encabulado ao vê-la soluçando ao abraçar seu tio e depois se abraçar e sentar ao lado do velho de carapinha alva, deixando escorrer suas lágrimas junto às deles. A mão branca dela aninhada na mão preta do velho amado, o velho Tarquínio sempre presente na casa da avó e, depois de sua morte, convidado para morar com os pais de Lilian.

Julia procurou Ernesto; não o viu. Tinha urgência de encontrá-lo para que ele lhe explicasse tudo, tudo, por favor, Ernesto,

tudo. A cabeça sobre seus ombros era uma roda, girando doida e doída. Tinha urgência de entender como Lilian fora parar no quarto de um hotel com sua maligna janela, como fora empurrada por um sujeito que ela jurava que Lili nem conhecia, como acontecera tudo aquilo. O que lhe contaram não fazia sentido.

Esperou para se despedir do tio e de Tarquínio, que voltariam do cemitério direto para Goiânia. Tomou seu carro e foi tentar encontrar Ernesto, que sumira. Deve ter ido para sua casa.

Estacionou o carro e estremeceu ao tocar a campainha que tantas vezes já tocara. Nenhuma resposta. O imenso silêncio reverberado pelo luto afundou o peito de Julia, que recuou e voltou para seu carro. Esperaria.

Era um desses dias reluzentes de Brasília, quando, vistos de longe, os prédios parecem flutuar na leveza do ar.

A casa à sua frente, cercada por um alto muro de concreto cinza, uma pequena elevação cor de salmão despontando atrás, e é lá, a essa casa do Lago Norte que ela se vê chegando num fim de tarde de um passado recente. A casa de Lilian. O portão se abria para árvores, plantas e o Lago Sul. A larga porta de entrada dava

para o pequeno *hall*, iluminado por raios de sol que entravam não se sabia bem de onde: à frente, a sala espaçosa, e dali, a varanda e o lago.

Quantas vezes!

E do seu carro, Julia já não vê esse, e sim outro muro, o muro da casa da avó, coberto por uma buganvília vermelha. As duas, que nasceram nas férias, também era nas férias que voltavam à cidade onde a velha casa lhes era imensa, quartos grandes, assoalho de tábuas corridas, compridas janelas de madeira fechadas com trancas, pintura descascando. Nos dias modorrentos de chuva, já grandinhas, sentadas na cama, comiam lascas de pintura descascada com seu gostinho volátil que enchia a boca de saliva, como menta.

Embaixo, no oco do porão de despejo, ruídos ressoavam no escuro. No comprido corredor, à noite, elas escutavam passadas assombradas quando uma despertava e despertava a outra para fazer um xixi sobressaltado no urinol do quarto. A velha casa, na noite escura, tornava-se presa incoerente de sons irreconhecíveis para ouvidos de crianças da capital. Mesmo o ressonar extravagante do ronco da vó provocava tremulações em suas correntes sanguíneas. Aguardavam ansiosas o ronco seguinte, que, se não viesse, era sinal certo de que a vó, tão amada avó, morrerá. A elas só restava enfiar a cabeça debaixo das cobertas, rezando para que passassem despercebidas até a luz do sol entrar devagarinho e macia como aconchego de mãe pelas frestas das janelas.

A escuridão fechada da noite pertencia à morte.

Os primeiros sons da manhã vinham da cozinha: ruídos que se espalhavam pelos quartos na casa sem forro, cheiro penetrante do café sendo coado, chá de rapadura fervendo na panela preta de ferro, latas de biscoitos sendo abertas. Eram cheiros e ruídos que as faziam levantar da cama ainda perrengues da noite entrecortada pelo medo. Sentavam-se no comprido banco de madeira, junto à mesa da cozinha, perto do fogão a lenha, onde brasas de brilho vermelho estalavam, fazendo o *crept crept* familiar e reconfortante. Elas tomavam o prato de “peitudo”, especialidade revigorante da casa: chá de rapadura saindo da fervura na chaleira preta de ferro e despejado no prato fundo sobre a farinha de milho e fatias finas de queijo que se derretiam ao calor do líquido quente.

Alegres, acomodavam-se nas janelas que se abriam para a rua, e viam passar os meninos descalços, pratinhos de ágata descascada levantados pela mão de bracinhos magros vendendo pequis graúdos da cor da gema do ovo, mangabas esverdeadas, miúdos e sumarentos cajus da serra, vermelhos, amarelos, verdolengos. Passavam os vendedores de “puxa”, feitas de rapadura, batidas e puxadas até ficarem amarelas, cortadas em tiras finas e enroladas em grosseiro papel cor-de-rosa: sua doçura dourada grudava nos dentes e lhes dava a certeza de que existia um céu na boca. Passavam vaqueiros a cavalo, cumprimentando-as gentis

com o chapéu, ou indiferentes e alheios, preocupados com suas coisas. Nas manhãs de sorte, passavam boiadas que ocupavam a rua inteira. O cheiro intenso invadia as casas e os mugidos penetravam até o fundo mais fundo da cabeça; a rua transformava-se em um espetáculo amedrontador e belo, invadida por uma força aos olhos delas incontrolável e cujo cheiro permanecia por muito tempo nas calçadas salpicadas de bostas, grandes bostas amarronzadas e pretas, endurecidas por fora e macias, cremosas, por dentro.

AMOSTRA